

Coleções antigas – novos significados: Reflexões sobre encontros recentes entre o povo Katxuyana e as coleções katxuyana¹

Astrid Kieffer-Døssing

(Universidade de Aarhus, Dinamarca/UFF, Brasil)

Palavras-chave: Coleções etnográficas, retorno visual, reinterpretação

Introdução

Foi uma manhã quente no quintal da AIKATUK, a associação dos povos Katxuyana, Tunayana e Kahyana na cidade de Oriximiná/Pará. Eu estava sentada com dois dos mais velhos Katxuyana, os dois irmãos Hugo² e Henderson, ambos com 70 e pouco anos. Na sombra das árvores onde não havia brisa e no calor que a conversa se desenrolou de maneira animada. Henderson segurava um caderno nas mãos; de vez em quando ele virava as páginas. Cada uma mostrava uma foto de um objeto. Todo objeto era um objeto de museu, coletado há cerca de 50 anos e desde então guardado em museus de países da Europa, distantes do norte do Brasil e, portanto, inacessíveis ao povo Katxuyana.

Vendo os objetos agora, muitos anos depois, Hugo e Henderson estavam ansiosos para contar sobre eles, às vezes até falando ao mesmo tempo. Eles explicaram, elaboraram e se lembraram dos objetos e, de vez em quando, também se engajaram fisicamente na reconstrução do uso de objetos específicos. ‘Isso é chamado assim,’ ‘nós fizemos isso assim,’ ‘este é usado aqui,’ ‘me lembro que...’ e assim por diante suas palavras voaram pelo ar, encorajadas pelas fotos do objeto.

Às vezes, um deles me pedia para conferir as traduções do material do arquivo dos museus de outro caderno. No entanto, não raramente, eles corrigiam essas descrições particulares. ‘Hum, acho que os estrangeiros não entenderam bem’, diziam ao ouvir

¹ Trabalho apresentado na 32^a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020. Agradeço a Adriana Russi pela ajuda na correção da tradução do texto.

² Devido o “Regulamento Geral de Proteção de Dados” (GDPR – General Data Protection Regulation) que está válido em países na União Europeia desde 2018 é obrigatório para pesquisadores garantir o anonimato para todos os interlocutores. Por desse motivo, os Katxuyana que menciono nesse texto aparece com outros nomes. O impacto do regulamento para estudos antropológicos está discutido entre pesquisadores (veja por exemplo Yuill 2018).

descrições incorretas ou insuficientes. Claramente, havia muito a dizer na complexidade das explicações sobre os objetos Katxuyana, então essa foi uma tarefa que Hugo e Henderson assumiram neste dia e em vários outros.

Assim, Henderson e Hugo viram, explicaram, corrigiram e interpretaram alguns dos objetos etnográficos que haviam sido guardados em museus europeus por décadas e até então descritos apenas por pessoas não-indígenas. Porém, neste momento e em outros durante a minha pesquisa de campo, sujeitos e objetos foram mais uma vez reunidos através do retorno visual dos objetos museológicos. No que Hugo, Henderson e outras pessoas do povo Katxuyana se envolveram durante minha pesquisa de campo foi uma complexa reinterpretação e revalorização desses objetos etnográficos.

Este artigo é baseado nessas experiências da minha pesquisa de campo para meu doutorado, onde sujeitos – o povo Katxuyana, e objetos – coleções de museus deste povo, foram reunidos após mais de 40 anos de separação.

O argumento que desejo apresentar neste artigo é que algo novo acontece nesses encontros, que torna os objetos etnográficos um patrimônio cultural em termos de outros valores que não os da época em que entraram nos museus. Os novos valores estão intimamente associados às condições atuais em que os sujeitos, ou comunidade de origem, se encontram e o exemplo que apresento aqui está intimamente relacionado à mobilização política desse patrimônio cultural.

Esse exemplo ilustra a importância dos museus e suas coleções para esses sujeitos e a necessidade contínua de revisar os valores dos objetos musealizados para permitir que eles se tornem agentes engajados nas lutas e esforços presentes e na criação de futuros - ao invés de serem meramente informativos de um passado já desaparecido há muito tempo.

Valor e patrimônio cultural

Valor e patrimônio cultural são dois conceitos intimamente associados. Aquelas coisas, lugares ou práticas que são escolhidos para serem designados como patrimônio são atribuídos com um valor particular; ou como diz Thóra Pétursdóttir “Apesar das afirmações do contrário, nunca foi realmente suficiente para as coisas ou locais simplesmente SER para se tornarem considerados patrimônio...” (Pétursdóttir 2013:37). Em outras palavras, algo é feito com esses objetos para que se tornem patrimônio. O patrimônio não existe por si só, ele é criado ativamente.

O mesmo se aplica a objetos de museu, um tipo ou subgrupo particular de patrimônio cultural. O arqueólogo John Carman apontou o conceito de valor como central para a criação de objetos de museu: “É a transferência de um domínio de valor para outro que está no cerne da criação do objeto de museu: e enfatiza o fato de que esses objetos são de fato *feitos* (embora cognitivamente ao invés de materialmente) ao invés de meramente *reconhecidos*.” (Carman 2010:82)

Esta transformação não acontece de uma vez por todas, mas é constituída por etapas menores, por exemplo, quando os objetos são selecionados e trocados no campo e quando são posteriormente descritos ou categorizados de uma forma particular. Segundo Rosita Henry, Ton Otto e Michael Wood, cada vez que um objeto é explicado, ele representa um valor para a pessoa que realiza essa tarefa (Henry, Otto, e Wood 2013:35). O que é importante notar é que esta atribuição de valores tem sido historicamente conduzida por pesquisadores e funcionários do museu, não pelas comunidades de origem. Como mostrarei mais tarde, esse também era o problema com as coleções katxuyana.

O que é significativo, portanto, é que esses processos de avaliação não são estáticos. Eles podem acontecer repetidamente e o número de pessoas cujos valores podem ser expressos muda significativamente. O próprio título deste painel indica esse movimento dialético entre comunidades de origem (sujeitos) e objetos de museu (coleções) como um meio para criar novas percepções. Então, o que é importante em termos de valores é olhar para os valores específicos que emergem desses encontros contemporâneos.

Durante décadas, o desenvolvimento de trabalhos com coleções em museus se concentrou, entre outras coisas, nas colaborações com comunidades de origem. Isso abriu para novas interpretações sobre os valores dos objetos historicamente coletados com base nas percepções e perspectivas de membros das comunidades de origem. Existem inúmeros exemplos disso dentro do Brasil, como os mais recentes trabalhos de Fabíola Silva e Cesar Gordon com os Xikrin e Glenn Shepard Jr., Cláudia Leonor López Garcés, Pascal de Robert e Eduardo Carlos Chaves com os Mebêngokrê-Kayapó e os Baniwa (Shepard Jr. et al. 2017; Silva e Gordon 2013).

O povo Katxuyana

Antes de prosseguir, farei uma breve introdução à história do povo Katxuyana, porque é importante ter em mente o contexto histórico quando apresento mais tarde um exemplo de reinterpretções contemporâneas das coleções.

O povo Katxuyana é um grupo indígena de língua Carib que vive no norte do Brasil (veja por exemplo Frikel 1970; Girardi 2011; Russi 2014). Hoje, moram no Rio Cachorro (município de Oriximiná / Pará), no Parque Indígena Tumucumaque e no Rio Nhamundá (Amazonas) (fig. 1). Porém, até 1968, eles moravam exclusivamente na região do Rio Cachorro / Rio Trombetas.

Devido a várias epidemias, como a gripe e o sarampo, sua população decresceu drasticamente na primeira metade do século 20, de um número estimado entre 300-500 pessoas, para apenas cerca de 60 pessoas na década de 1960 (Frikel 1970:44, 1971:104).



Fig. 1 Localização do Rio Cachorro (mapa por Rogerio Duarte do Peteo, apud Girardi 2011:3).

Em 1968, os Katxuyana deixaram o Rio Cachorro para sobreviver convivendo com outros grupos indígenas (Frikel 1970:47). Eles se separaram em dois grupos; uma família foi para o Rio Nhamundá onde se estabeleceram com os Hixkaryana, enquanto o restante foi para o Tumucumaque e se estabeleceram com os Tiriyo (veja Ricardo e Gallois 1983).

Daí em diante, eles viveram nesses dois lugares até o início dos anos 2000. Então, os primeiros Katxuyana começaram a retornar ao Rio Cachorro; um processo que está em curso até hoje.

Para alguns dos Katxuyana que retornaram, principalmente homens idosos e adultos, o retorno despertou o interesse em saber mais sobre, por exemplo, a cultura e as tradições katxuyana, as pesquisas realizadas sobre o povo Katxuyana e se havia alguma coleção katxuyana desconhecida em museus (para outros exemplos de esforços nesse sentido, veja Rocha, Russi, e Alvarez 2013; Russi 2014; Russi e Abreu 2018). Este último desejo, a busca das coleções katxuyana, foi realizado principalmente por Adriana Russi durante sua bolsa sanduiche, onde esteve em países europeus pesquisando na Inglaterra, Alemanha, Dinamarca e Noruega. Ela não apenas descobriu que havia coleções katxuyana na Europa; havia quatro coleções até então desconhecidas ou esquecidas. Essas são as coleções com as quais trabalhei e devo a Adriana Russi pois foi através do trabalho dela que eu mesma tomei conhecimento desses objetos etnográficos.

Os objetos etnográficos musealizados dos Katxuyana

As coleções de que vou falar aqui são aquelas coleções guardadas em quatro museus europeus. Os museus são o Museu Britânico (Londres), o Museu de História Cultural (Oslo), o Museu Nacional (Copenhague) e o Moesgård Museu (Aarhus).

Os objetos nesses quatro museus foram coletados durante duas expedições dinamarquesas em 1957 e 1958-59, respectivamente; em outras palavras, uns 10 anos antes de os Katxuyana deixar o Rio Cachorro. A primeira expedição foi realizada por dois etnógrafos amadores, Christen Sørderberg e Gottfried Polykrates; Polykrates também participou da segunda expedição junto com Jens Yde, que foi curador no Museu Nacional de Copenhague e mais tarde escreveu uma monografia sobre a cultura material Waiwai (Yde 1965).

Não tenho tempo aqui para entrar em discussões sobre a negociação de valores durante o processo de recolha no campo, pois quero focar aqui um exemplo de transformação de valor, isto é, dos objetos que entraram no Museu Nacional em Copenhague. Aqui, Jens Yde desempenhou um papel significativo. Ele escreveu uma carta de pedido de financiamento para comprar as coleções para “A fundação do Cônsul Georg Jorck e sua esposa Emma Jorck”. Nessa carta³, Jens Yde declara os valores do

³ Do arquivo J.136/59 , o Museu Nacional (Copenhague).

material coletado conforme eram percebidos do ponto de vista científico na época. Mencionarei três exemplos:

Primeiro, uma cultura que não foi afetada pela “civilização”: Como os Katxuyana viviam relativamente longe das zonas urbanas, Jens Yde concluiu que a cultura katxuyana “não era afetada pela civilização”. Aqui, ele se refere ao valor científico da época que via a cultura como algo que poderia desaparecer. Nessa linha de pensamento, as culturas indígenas eram percebidas como “puras” e “autênticas” e o objetivo dos antropólogos dos museus e outros (viajantes, pesquisadores) era coletar essas culturas antes que fossem afetadas pela “civilização” e, portanto, fossem poluídas, antes de eventualmente desaparecerem.

Em segundo lugar, uma coleção incomumente completa: Devido à ampla variedade de objetos na coleção, de minúsculas espátulas de madeira para pintura facial a grandes canoas, Jens Yde a descreveu como completa. Esta ideia está relacionada a uma percepção de que a cultura material pode representar uma cultura inteira ou “um povo”.

E terceiro, valor científico devido a descrições compreensivas: Essas descrições foram feitas por Christen Søderberg, que participou da primeira expedição, e são exemplos de como cada explicação ou categorização dos objetos representam um valor do colecionador (Henry et al. 2013:35). Neste caso, essas descrições incluem, por exemplo, materiais primários, nome, criador, usuário, etc.

Claro, esses valores refletiam um ponto de vista particular, o de um antropólogo de museu europeu. Os Katxuyana mantinham contato regular com não-indígenas há anos; a completude da coleção também foi uma escolha feita pelos colecionadores em campo de não coletar objetos que os Katxuyana trocaram com povos não indígenas; e as descrições dos objetos eram provavelmente muito diferentes do que os próprios Katxuyana teriam feito. Mas, até 2012, essa era a narrativa oficial que acompanhava os objetos nesses quatro museus. O que é importante notar é que o valor geral está relacionado a uma sensação de perda, algo passado, não presente. Assim, a cultura katxuyana eventualmente seria poluída e desapareceria e apenas as coleções dos museus ainda existiriam.

Em outras palavras, o que vemos aqui é uma visão sobre as coleções do museu que limita os objetos a serem relevantes e valiosos apenas como meios para compreender e informar sobre o passado; um passado que está ou será em breve perdido para sempre. No entanto, esta se provou uma percepção muito estreita desses objetos etnográficos coletados. Em vez disso, eles são muito relevantes para e sobre o presente.

Retorno visual

Assim, os valores dos objetos etnográficos percebidos pelo povo Katxuyana não figuram no material de arquivo dos museus. Portanto, o que me interessava em minha pesquisa era examinar o que acontece quando esses objetos dos museus são “devolvidos” visualmente aos Katxuyana de hoje; ou, quando passamos das coleções para os sujeitos, para nos referirmos ao título deste GT. Como os Katxuyana hoje percebem os objetos coletados como parte do interesse renovado em seu passado no processo de retorno?

Para investigar isso, empreguei um método descrito por Martin Petersen do Museu Nacional de Copenhague, no qual objetos de museus são usados como dispositivos de coleta, ou em inglês “collecting devices” (Petersen 2011). O método é uma forma de criar retornos visuais de objetos de museus além do perímetro físico do próprio museu (Petersen 2011:49). Assim, o que se move não são os sujeitos, ou a comunidade de origem, mas os objetos, embora não fisicamente, mas visualmente.

O método consiste em três partes (Petersen 2011:52). Primeiro, uma apresentação material dos objetos, que pode ser digital ou física, como fotocópias. Em segundo lugar, uma narrativa de apoio, que pode ser apresentada oralmente e/ou escrita. E a última parte é a documentação das conversas subsequentes sobre os objetos. Assim, o método cria uma relação entre materiais, pessoas e narrativas em espaços fora do museu e, assim, abre-se para contestações e reinterpretações.

Para a minha pesquisa de campo, construí um caderno com fotos de cerca de 200 objetos musealizados e outro com as descrições traduzidas dos objetos dos arquivos do museu. Separei os dois para deixar os objetos abertos para conversas e memórias e não em primeiro lugar ser definidos como foram descritos em meados do século XX.

No campo, usei os cadernos para conversas sobre as coleções katxuyana e deixei cópias para a comunidade usar para fins presentes e futuros, independentemente da minha presença no campo. Com o retorno visual, as próprias pessoas da comunidade katxuyana tiveram a possibilidade de descrever e explicar os objetos, tornando-os patrimônio por outras razões e valores que no passado. Destas conversas sobre os objetos dos cadernos surgiram diversas interpretações, dos quais terei tempo apenas para apresentar um exemplo.

‘Para comprovar nossa história’ – Novos valores através da reinterpretação

Como ilustra a vinheta inicial deste artigo, as conversas sobre os objetos dos cadernos muitas vezes deram origem a memórias e interpretações diversas. Às vezes, as

complexidades dos objetos ameríndios emergiam de objetos aparentemente simples (ver por exemplo Ewart 2012; Hugh-Jones 2009; Miller 2009).

Como a cesta *ahata* (fig. 2). *Ahata* é um cesto usado pelas mulheres para guardar miudezas hoje como no passado. No entanto, um dia, um dos homens mais velhos contou como a *ahata* também fazia parte do rito de passagem feminino ou ritual da moça. Quando uma menina tinha sua primeira menstruação, ela era isolada em um pequeno recinto/casa. Se ela saísse, usava uma *ahata* sobre a cabeça para garantir que não olharia para ninguém. Esta *ahata* foi tecida por seu pai. Quando o rito termina e a menina volta a entrar na comunidade, parte do processo de transição foi marcada pela remoção da *ahata* (para mais detalhes sobre este ritual, veja Russi 2014:116–17). Assim, por meio de tais memórias aparecem vislumbres dos multiversos de objetos ameríndios que raramente são registrados pelos museus (Halbmayer 2017:257). As fotos de objetos antigos tornam-se catalisadores dessas memórias e os objetos coletados tornam-se valiosos por sua capacidade de possibilitar não apenas a lembrança, mas a transmissão do conhecimento sobre a cultura katxuyana dentro da comunidade. Como os cadernos são portáteis e várias gerações podem se reunir ao redor deles, eles podem ser usados na própria comunidade katxuyana e não apenas no espaço físico do museu.



Fig. 2 Ahata (H.4943). Foto: Katrine Vintov, o Museu Nacional (Copenhague).

O que logo me pareceu, no entanto, é que também havia valores muito menos associados a objetos individuais, mas sim associados à totalidade dos objetos coletados e é nisso que vou me concentrar no restante do texto.

Uma tarde conversei com José, o presidente do AIKATUK. Estávamos sentados no escritório da AIKATUK, localizada em uma casa em Oriximiná onde José, sua família e quem os visita vindos das aldeias podem ficar na cidade. Era uma sala abarrotada de mapas, livros, cadernos, papéis oficiais e no meio uma enorme tela de computador sobre uma mesa. A sala era um lugar mais tranquilo para conversas do que o resto da casa que era barulhenta com crianças brincando, pessoas indo e vindo, programas de televisão, pessoas cozinhando, comida e outras atividades cotidianas. Neste dia, José e eu conversamos sobre os objetos do museu, como eles poderiam ser úteis para os Katxuyana hoje. Surgiu o tema de uma exposição. Perguntei-lhe qual o tema de uma exposição que ele poderia imaginar. José pensou um pouco antes de, com as sobrancelhas franzidas, declarar que essas coisas precisariam ser pensadas com cuidado. Ele não conseguia pensar em um tópico naquele momento. Mas, depois de um momento de silêncio, ele acrescentou que uma exposição poderia mostrar que os Katxuyana *existem*. ‘Porque os pesquisadores

pensaram que o povo Katxuyana não existiria mais, que deixaria de existir. Mas, pelo contrário, resistimos e ainda resistimos hoje!" elaborou com uma voz firme que me deixou com a imagem de um ponto de exclamação depois de terminar a frase.

Indiretamente então, José se referiu às mesmas previsões feitas por Jens Yde décadas antes: O desaparecimento dos Katxuyana e apenas os objetos musealizados como evidência desse povo. No entanto, por meio de sua explicação, José virou essa narrativa de ponta-cabeça. Em vez de evidências de pessoas que desapareceram, os objetos tornam-se evidências de um povo que ainda existe e, ainda mais, um povo que se envolve ativamente com o seu presente - eles resistem.

A resistência deles, eu argumentaria, está intimamente ligada à sua história recente de migração e retorno e à mobilização do patrimônio cultural para fins políticos. Deixe-me dar outro exemplo para elaborar isso.

Desta vez foi algo que Cláudio, um dos jovens adultos, mencionou. Cláudio, que também é professor em uma das escolas indígenas, estava ansioso para transferir uma cópia da versão digital do caderno para seu computador. Portanto, uma tarde ele apareceu com seu computador para transferir os arquivos. Ele ligou o computador e enquanto esperamos o zumbido do computador começar, Cláudio me diz que acha que o caderno e os objetos do museu podem ajudar o povo Katxuyana hoje. 'As fotos são importantes, porque se alguém vem para nos tirar da terra, temos as fotos dos objetos para comprovar a nossa história', diz ele em uma explicação que lembra o que José falou sobre as coleções como comprovação de existência continuada.

A parte da valorização contemporânea das coleções museológicas pelo povo Katxuyana que se expressa nestes exemplos está relacionada com a afirmação identitária e política, como exemplificam trabalhos de pesquisadores como Luíz Donisete Benzi Grupioni. Ele afirma que as relações entre museus, antropólogos e povos indígenas mudaram consideravelmente, até porque os povos indígenas são solicitados a afirmar sua identidade em várias situações (Grupioni 2008:21). No caso do povo Katxuyana, a afirmação não é apenas algo que se deriva de fora da comunidade. Como nos exemplos de José e Cláudio, no processo do seu retorno, os próprios Katxuyana veem um valor em mobilizar os objetos para afirmar sua identidade no passado e no presente.

O retorno do povo Katxuyana tem suscitado uma série de questionamentos, não dentro da própria comunidade, mas de outros povos indígenas e, em particular, de atores não indígenas. Aqui, mencionarei dois desafios. Um envolve questionar se os Katxuyana ainda existem como povo depois de anos vivendo com outros povos indígenas e, em

segundo lugar, se eles pertencem ao Rio Cachorro. Se os Katxuyana não existem como um povo, eles não podem receber direitos coletivos previstos pela legislação brasileira. O comentário de José é uma resposta à primeira questão, de mobilizar os objetos do museu para confirmar a continuação da existência do povo Katxuyana. O comentário de Cláudio refere-se ao segundo desafio; que quando os objetos katxuyana foram coletados no Rio Cahorro cerca de 10 anos antes de sua migração, isso responde à pergunta se eles ocupavam aquele território.

Embora se baseiem no passado, essas reinterpretações estão em maior medida emaranhadas com preocupações contemporâneas cujo foco está voltado para o presente para garantir melhores condições para o futuro do povo Katxuyana. Assim, as coleções são valiosas hoje para os Katxuyana entre outras coisas porque podem ser mobilizadas politicamente em resposta às questões contemporâneas de existência continuada e pertencimento.

Com o componente material do retorno visual, que é o caderno, os Katxuyana têm uma prova que podem mostrar aos atores não indígenas para apoiar suas reivindicações e garantir seus direitos. Não se trata, portanto, de um valor relacionado a objetos individuais, mas sim vinculado à totalidade dos objetos museológicos mantidos no exterior e devolvidos visualmente nas fotos.

A associação política não é a única ressignificação recente, mas aquela que tenho tempo de apresentar aqui. Gostaria, no entanto, de sublinhar que há uma multiplicidade de valores que emergem através das reinterpretações, alguns destes são mais específicos de objetos como no exemplo da *ahata*.

Observações finais

Para encerrar este artigo, desejo inverter o movimento. Passamos das coleções aos sujeitos, agora passamos dos sujeitos às coleções e aos museus.

Mille Gabriel, curadora no Museu Nacional de Copenhague, afirmou que os museus não são mais lugares para as chamadas “culturas indígenas autênticas.” Os museus etnográficos precisam recuperar sua relevância social e uma forma importante de fazer isso é trazer "o outro" para uma era globalizada, em outras palavras, fazer com que as coleções históricas atuem no presente (Gabriel 2015:33). Da mesma forma, as pesquisadoras Lúcia Hussak van Velthem, Katia Kukawka e Joanny Lydie apontaram como os museus brasileiros passaram a desempenhar um papel muito mais significativo em relação à cultura e à política (Velthem, Kukawka, e Lydie 2017:738). O caso

apresentado neste artigo ilustra como esse potencial também está relacionado à reconceitualização de coleções etnográficas.

Deixe-me elaborar. Os museus não se interessam mais apenas pelos valores atribuídos pelos pesquisadores do passado. Em vez disso, a reinterpretação do valor das coleções katxuyana pelos Katxuyana de hoje não só torna os objetos etnográficos significativos para os próprios Katxuyana, mas também os torna importantes para os museus em sua busca de se recriarem com relevância social contemporânea e para cumprir as obrigações éticas com as comunidades de origem para as quais o acesso à essas coleções pode ser fundamental.

Em suma, neste texto descrevi o deslocamento ou movimento entre objetos e sujeitos com a metodologia do dispositivo de coleta ('collecting device methodology'), ampliamos valores e colocamos questões contemporâneas; ou seja; passamos da perda à criação, ação e resistência e da preservação do passado à contribuição para geração do futuro das comunidades indígenas.

Referências bibliográficas

- CARMAN, John. 2010. "Promotion to Heritage: How Museum Objects Are Made." Pp. 74–85 em *Encouraging collections mobility – A way forward for museums in Europe*, editado por S. Pettersson, M. Hagedorn-Saupe, T. Jyrkkiö, e A. Weij. Finnish National Gallery, Erfgoed Nederland e Institut für Museumsforschung, Staatliche Museen zu Berlin: Printing house Kariston Kirjapaino Oy.
- EWART, Elizabeth. 2012. "Making and Unmaking Panará Beadwork – Or, How to Overcome the Fixity of Material Things." *Anthropology and Humanism* 37(2):177–90.
- FRIKEL, Protásio. 1970. *Os Kaxúyana. Notas Etno-Históricas*. Belém: Conselho Nacional de Pesquisas, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- FRIKEL, Protásio. 1971. "A Mitologia Solar e a Filosofia de Vida Dos Índios Kaxúyana. Tentative de Uma Interpretação." Pp. 103–42 em *Estudos sobre línguas e culturas indígenas. Edição especial: Trabalhos linguísticos realizados no Brasil*, editado por S. Gudschinsky. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- GABRIEL, Mille. 2015. "Fortiden, Fremtiden og Det Etnografiske Museum. Samtidsindsamling, Videndeling Og Medkuratering." Pp. 25–53 em *Etnografi på museum. Visioner og udfordringer for etnografiske museer i Norden*, editado por U.

- J. Dahre e T. Fibiger. Aarhus: Aarhus University Press.
- GIRARDI, Luisa Gonçalves. 2011. “‘Gente Do Kaxuru’: Mistura e Transformação Entre Um Povo Indígena Karib-Guianense.” Universidade Federal de Minas Gerais.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. 2008. “Os Museus Etnográficos, Os Povos Indígenas e a Antropologia: Reflexões Sobre a Trajetória de Um Campo de Relações.” *Revista Do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento:21–33.
- HALBMAYER, Ernst. 2017. “Amazonian Multiverses and ‘Things’ That Are More than Things.” Pp. 251–68 em *Apalai – Tiriyó – Wayana ... objects_collections_databases*, editado por B. Hoffmann e K. Noack. Aachen: Shaker Verlag.
- HENRY, Rosita, Ton OTTO, e Michael WOOD. 2013. “Ethnographic Artifacts and Value Transformations.” *HAU: Journal of Ethnographic Theory* 3(2):33–51.
- HUGH-JONES, Stephen. 2009. “The Fabricated Body. Objects and Ancestors on Northwest Amazonia.” Pp. 33–59 em *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*, editado por F. Santos-Granero. Tucson: University of Arizona Press.
- MILLER, Joanna. 2009. “Things as Persons. Body Ornaments and Alterity among the Mamaindé (Nambikwara).” Pp. 60–80 em *The Occult Life of Things. Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*, editado por F. Santos-Granero. Tucson: University of Arizona Press.
- PETERSEN, Martin. 2011. “Collecting Korean Shamanism for the National Museum of Denmark: Ethnographic Objects as Collecting Devices.” *Nordisk Museologi* (2):48–66.
- PÉTURSDÓTTIR, Thóra. 2013. “Concrete Matters: Ruins of Modernity and the Things Called Heritage.” *Journal of Social Archaeology* 13(1):31–53.
- RICARDO, Carlos Alberto e Dominique Tilkin GALLOIS (editores) 1983. *Povos Indígenas No Brasil. No. 3: Amapá/Norte Do Pará*. São Paulo e Rio de Janeiro: CEDI. Centro Ecumênico de Documentação e Informação.
- ROCHA, Gilmar, Adriana RUSSI, e Johnny ALVAREZ. 2013. “Etnoeducação Patrimonial: Reflexões Antropológicas Em Torno de Uma Experiência de Formação de Professores.” *Pro-Posições* 24(2):55–67.
- RUSSI, Adriana. 2014. “Tamiriki, Pata Yotono Kwama: A Reconstrução de Uma Casa, a Valorização de Uma Cultura e o Protagonismo Dos Ameríndios Kaxuyana Às Margens Do Rio Cachorro (Oriximiná-PA).” Universidade Federal Fluminense.

- RUSSI, Adriana e Regina Maria do Rego Monteiro ABREU. 2018. “Os Katxuyana e a Casa Tamiriki: Protagonismo Ameríndio Na Valorização Cultural.” *Século XXI, Revista de Ciências Sociais* 8:889–911.
- SHEPARD Jr., Glenn H., Claudia Leonor LÓPEZ GARCÉS, Pascal de ROBERT, e Eduardo Carlos CHAVES. 2017. “Objeto, Sujeito, Inimigo, Vovô: Um Estudo Em Etnomuseologia Comparada Entre Os Mebêngôkre-Kayapó e Baniwa Do Brasil.” *Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 12(3):765–87.
- SILVA, Fabíola A. e Cesar GORDON. 2013. “Anthropology in the Museum. Reflections on the Curatorship of the Xikrin Collection.” *Vibrant* 10(3):425–68.
- VELTHEM, Lucia Hussak van, Katia KUKAWKA, e Joanny LYDIE. 2017. “Museus, Coleções Etnográficas e a Busca Do Diálogo Intercultural.” *Boletim Do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 12(3):735–48.
- YDE, Jens. 1965. *Material Culture of the Waiwái*. Copenhagen: The National Museum of Copenhagen.
- YUILL, Cassandra. 2018. “‘Is Anthropology Legal?’ Anthropology and the EU General Data Protection Regulation.” *Anthropology in Action* 25(2):36–41.